

ADORNO E MARCUSE: NUANÇAS HERMENÊUTICAS DE ESPERANÇA NA DESESPERANÇA

Leandro José Kotz^{*}
Adriano André Maslowski^{**}

RESUMO:

Filosofia como *deutung* da realidade não é apenas exigência de um tempo singular e de transição de paradigma. Mas, fruto de um pensar genuinamente filosófico que faz saltar pressupostos epistemológicos do pensar hermenêutico. Este (pensar hermenêutico) se constitui como neoparadigma. Porém, não se vê livre de dificuldades nascidas no berço moderno, tais como, razão instrumental, realidade danificada e linguagem unidimensional. O artigo ao passo que defende a tese filosofia como *deutung* problematiza, não apenas, o modelo moderno, mas como esse continua se manifestando, de modo especial, na hermenêutica.

PALAVRAS-CHAVE: Subiectum. Deutung. Linguagem unidimensional.

INTRODUÇÃO

Com a crise do paradigma moderno nasce a necessidade de retomar a reflexão sobre o *subiectum* com o objetivo, entre outros, de arquitetar um neoparadigma. Nesse horizonte, situam-se várias inflexões de pensamento, que entre outras, visam tematizar se realmente há uma crise do paradigma moderno, ou se apenas sofreu metamorfose, ou ainda, se é possível falar de fundamento num tempo líquido. As conclusões são diversas e antitéticas, mas o objetivo é mesmo, qual seja, contextualizar/elucidar o tempo que se vive, de modo mais específico o fundamento desse tempo. Para, além do resultado dessas tentativas, o que se

* Graduado em Filosofia (IFIBE); graduando em Teologia (URI); pós-graduando em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo; Bolsista do PIIC-URI.

Contato: leandrokotz@hotmail.com

** Pós-graduado (especialização) em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica (UFFS); Graduado em Filosofia (IFIBE); graduando em Teologia (URI); pós-graduando em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo.

Contato: adrianolowski@yahoo.com.br

verifica é um indício de tensão no paradigma moderno por meio das várias e heterogêneas interpretações objetivadas.

Nesse horizonte, o norte da inflexão de pensamento parece ser claro, a saber, mergulhar no debate acerca do fundamento traçando os pressupostos teóricos e epistemológicos. Contudo, pode-se afirmar que se trata de uma reflexão genuinamente filosófica/hermenêutica? Eventualmente, a fundamentação do ser não tem como objetivo respostas cabais e definitivas, portanto, a filosóficas?

Internalizando essa problemática, busca-se estabelecer um diálogo com Adorno operando: a) uma crítica desconstrutiva de pretensões filosóficas que buscam conceitualizar o inconceituável; b) elucidar a situação da filosofia num tempo em que o fazer filosófico está sob ameaça; no dizer de Nietzsche fácil é desconstruir, difícil é construir, a partir disso, aponta-se como pista adorniana de construção c) filosofia como *deutung*. Disso, infere-se que a tarefa filosófica é interpretar. Se a função da filosofia é interpretar então, por fim, evidencia-se com Marcuse que a casa da interpretação é a linguagem. A linguagem, por sua vez, sofre condicionamentos hegemônicos que provem de uma racionalidade instrumental e unidimensional, a qual dificulta o exercício interpretativo.

FILOSOFIA: DIÁLOGO COM ADORNO

A interpretação é o móbil das *epistemes*. Para além de uma generalização, uma necessidade intransponível e dolorosamente aprendida. Na filosofia, o delírio de encontrar e acessar a realidade em si, é milenar, perpetuando-se assim, a possibilidade do ser se coadunar a inteligibilidade promovendo a ideia de que existe um atrás-mundo que pode ser acessado por meio de um *hodós* rigoroso. Acreditava-se que o conceito não somente captura a realidade, mas poderia desenvolvê-la a partir de si. Nas ciências exatas, talvez, esse delírio é mais forte, quando se acredita na neutralidade do sujeito sobre o objeto investigado. De qualquer sorte, gradativamente tanto nas ciências humanas quanto nas ciências exatas se percebe que não há como pisar fora da interpretação, pretender o contrário é como fugir da própria sombra. Caem, portanto, os véus dos possíveis detrás-mundos que supostamente se escondem sob a realidade. Parafraseando Nietzsche, pode-se

afirmar: “não existem fatos, mas tão somente interpretação dos fatos”¹. Ou seja, o fato é, invariavelmente, interpretação.

Para Kant, não há como acessar a realidade, somente perceber o fenômeno. A partir disso, é possível inferir que, vive-se num mundo de interpretações, ou seja, num mundo de signos dos quais saltam significantes com significados por meio da hermenêutica. Se isso é verdade, então, nunca pode haver divergência sobre a realidade, mas sobre o entendimento dela, isto é, sobre as interpretações que movem e sustentam a existência.

A pergunta e o norte da filosofia, de modo geral, concernem ao *subiectum* (fundamento). Intrinsecamente, com a pergunta está o desejo de dar uma resposta cabal. Ou seja, quando se pergunta, “o que é o ser?”, procura-se uma resposta direta e definitiva, “o ser é”. O modelo ocidental de raciocínio silogístico aristotélico arremessa na direção de apreender o sentido do-que-está-aí. Como se fosse possível mapear e conceitualizar o ser². “O ser não somente não pode ser definido como também nunca se deixa determinar em seu sentido por outra coisa nem como outra coisa. [...] O ser é algo derradeiro e último que subsiste por seu sentido, é algo autônomo e independente que se dá em seu sentido” (HEIDEGGER, 1998, p. 13)³.

Uma leitura atenta da história da filosofia sugere que o esforço dos filósofos em conceitualizar o ser e desvendar o seu sentido é constante, entretanto, todos os projetos com esse escopo redundaram em fracasso. Diante disso, ressoa a pergunta: todo esse esforço de nada valeu? Ora, se o ser não pode ser conceitualizado, então, a resposta é *per si* óbvia, porém, o ganho reside justamente no fracasso, ou seja, consciência de que o ser não se deixa apreender, ele apenas se manifesta.

Os conceitos nascem num determinado *sitz im leben* correspondentemente a esse possuem uma determinada função pragmática. Como uma das marcas indelévels das categorias é a historicidade elas passam por evolução e/ou finitude e suprassunção. Nos porões desse processo, portanto, algo é indubitável, muitos conceitos se metamorfoseiam. Nesse processo muitos são mecanizados e automatizados. Passa-se a empregar categorias sem consciência da sua genealogia

¹ Ver: NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 82. (Coleção textos filosóficos)

² Cabe lembrar que esse é o *abstractum* da razão instrumental.

³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

e, por conseguinte, do seu sentido originário, isso por sua vez gera o esquecimento de sentido.

Um indicativo de resposta a esse problema nasce de uma reflexão hermenêutica referida à linguagem. Dessa salta uma pergunta imediata com uma aura aparentemente ingênua, entretanto, em sua simplicidade é densa e profunda, qual seja, o que se diz com as palavras? Diz-se a coisa ou se diz um significado da coisa? De qualquer sorte de resposta, o que vale frisar é que a linguagem não esgota o sentido, por isso, se faz mister ressignificar e recuperar a gama de significantes e significados constantemente. Heidegger sinaliza para a necessidade de uma reflexão hermenêutica casada com a linguagem. Disso é possível concluir uma tarefa da filosofia, a saber, cavar os fundamentos e pressupostos do discurso.

A questão central para Heidegger concerne ao fundamento, o *subiectum*. Essa teria caído em negligência. Diz: “embora nosso tempo se arrogue o progresso de afirmar novamente a ‘metafísica’, a questão aqui evocada caiu no esquecimento”⁴. Não propriamente o ser caiu em esquecimento, mas a questão pelo ser. Outrora, no período antigo, o fundamento de tudo era o *kosmos*, em seguida, no medieval, Deus passou a ser o fundamento, no período moderno o indivíduo e a razão passaram a ser o *subiectum*. Assim, a pergunta da filosofia parece óbvia: qual é o fundamento contemporâneo? Qual é o ser contemporâneo? Pretende-se continuar com o fundamento moderno? Ora, se para Heidegger uma tarefa filosófica é cavar os fundamentos, e se esses só são na linguagem então, o fundamento contemporâneo ‘pode ser’ a linguagem. Portanto, a questão da filosofia e/ou eixo norteador do filosofar, segundo Heidegger, é a retomada da questão pelo fundamento.

Com Heidegger, tem-se a volta ao fundamento, ou seja, a pergunta clássica pelo ser. Para o filósofo Adorno, a indagação pelo ser é a menos radical, além de carregar um vício de formulação, isto é, a pergunta promove o erro de que o ser é possível de conceitualização e de adequação a inteligibilidade. Diz:

[...] pergunta essa que hoje em dia é tida como radical, e, no entanto, é a menos radical de todas: a pergunta, pura e simples, pelo ser, tal como a formularam expressamente os novos projetos ontológicos e tal como, a despeito de toda oposição, subjaz também aos sistemas idealistas, que se pretende superar. Esta pergunta apresenta como perspectiva sua própria resposta: que o ser é adequado e acessível ao pensamento, que é possível

⁴ HEIDEGGER, 1988, p. 27.

se colocar a pergunta pela idéia do existente. Mas a adequação do pensamento ao ser como totalidade se desagregou e com isso se tornou impossível a pergunta pela idéia do existente, que um dia, soberana, pode se elevar como estrela, em clara transparência, por cima de uma realidade redonda e fechada, e que, talvez, se desvaneceu para sempre aos olhos humanos quando as imagens de nossa vida foram afiançadas pela história. A idéia do ser se tornou impotente na filosofia; nada mais que um princípio formal vazio, cuja arcaica dignidade ajuda a decifrar conteúdos arbitrários. Nem a plenitude do real, como totalidade, se deixa subordinar à idéia do ser, que lhe atribui o sentido; nem a idéia do existente se deixa construir a partir dos elementos do real. Ela se perdeu para a filosofia, e, com ela, sua pretensão de atingir a totalidade real, na origem⁵.

Adorno movido pela suspeita ideológica faz um exercício de revisão da tradição filosófica pelas lentes da crítica radical. Acredita que “a crítica radical do pensamento filosófico dominante parece ser uma das tarefas primeiras e mais atuais”⁶. Justamente porque a filosofia pode estar legitimando e fundamentando barbáries e/ou a realidade danificada. Grosso modo, nesse sentido compreende a teoria crítica, isto é, realizar a crítica a(s) ideologia(s), que está(ão) a serviço da dominação e exploração.

Por meio desse *hodós* reforça a conclusão de seus pares, a saber, que no século XX o sonho iluminista se torna pesadelo. A filosofia se conduz e é conduzida a um extremo, de abdicar do pressuposto epistemológico *ratio autônoma*, o que significa reformular os pressupostos epistemológicos e metodológicos ou assistir seu esfacelamento nas ciências particulares (empíricas). Em função disso, Adorno desenvolve seu pensar filosófico contra: a) uma ontologização do real, ou seja, a crença de que por meio das faculdades do intelecto se poderia atingir a totalidade do real de modo que os conceitos teriam a potencialidade de acessar e apreender a essência do ser; e b) risco de reducionismo da filosofia. Nesse horizonte se situa, ou

⁵ ADORNO, Theodor. *A atualidade da filosofia*. Disponível em: <http://adorno.planetaclix.pt/tadorno3.htm>. Acesso em: 15 de Fev. de 2013.

⁶ ADORNO, 2013, s/p. Nesse espírito, cabe contextualizar a medula dorsal do pensamento adorniano. Conforme Mueller, a filosofia adorniana se torna acessível pelo entendimento do itinerário do pensador. A categoria de esclarecimento constitui um arco temporal que liga o início da modernidade com o tempo de Adorno, isto é, do esclarecimento (iluminismo – Adorno juntamente com o filósofo Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento* procuram na gênese o surgimento do iluminismo, que é apontado por eles de procedência da antiguidade clássica. Se Nietzsche volta a Dionísio e Apolo para entender o iluminismo, Adorno e Horkheimer voltam a Ulisses) até a modernidade tardia. Esta traz em seu núcleo o niilismo, isto é, o esgotamento dos ideais modernos e, por conseguinte, da modernidade. É sob esse arco que se situa a reflexão de Adorno. No dizer de Muller “é nesse período da história, mais que qualquer outro, que Adorno pesquisou e procurou compreender, em sua busca por compreender o incompreensível horror do presente e a ele se opor, na medida do possível”. MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009. p. 11.

melhor, nasce o programa filosófico de Theodor W. Adorno, a saber, filosofia como *deutung* (interpretação) da realidade.

Adorno desenvolveu seu conceito de filosofia por volta de 1930 o qual perdura por sua vida. O contexto da primeira guerra mundial, a insurreição de crises (energética, alimentar, e o rápido crescimento populacional) colocava a humanidade em xeque e com ela a própria filosofia. A questão que ressoava: todos podem viver dignamente nesse mundo? Há alimentos e recursos naturais para todos? O cenário se constituiu como se a última fagulha da razão tivesse esvanecido.

Essas premissas evocadas da conjuntura concatenadas a perversidade do capitalismo burguês foram decisivas para o desdobramento reflexivo de Adorno. Delas nasce o pressuposto concreto, o elemento primeiro que desencadeia o pensar, qual seja, a indignação. O filosofar para Adorno deve nascer das vísceras.

A questão que procede do pressuposto é: indignação do quê? A resposta a essa questão pode parecer polêmica e desconfortante à medida que se revela com invólucro ‘negativista’. Trata-se, da realidade injusta e incorreta, uma vez danificada pelo capitalismo burguês. Qualquer tentativa de positivar a realidade se configura em tartufice. A consequência direta que se deriva para a filosofia é que o pensar filosófico não pode ser neutro e abdicar responsabilmente dos contextos.

O pressuposto epistemológico da *ratio autônoma* revelou sua insustentabilidade (a título de exemplo a ontologização do real promovida pelo idealismo), e conseqüentemente a filosofia arquitetada sobre essa base. O projeto moderno da *aufklärung* que, grosso modo, trazia em seu seio a esperança de resolver os problemas existências, tanto da ordem do somático quanto da *psique* desembocou no horror de Auschwitz. Conseqüentemente, a esperança nesse projeto/paradigma esvaeceu. Portanto, está-se na total desesperança, pois as promessas de outrora não se objetivaram. O sentimento que se perpetua é de traição e abandono. Em vez da projeção numa perspectiva de esperança escatológica⁷, deve-se caminhar no reverso, isto é, objetivar a esperança de outrora que se revela hodiernamente em desesperança. Só nesse sentido se pode falar em esperança, mas na total desesperança.

⁷ Nietzsche ressalta como os gregos combatiam a esperança escatológica. Diz: “para aquele que sofre é necessário uma esperança que a realidade não possa contradizer – e da qual satisfação alguma os consiga afastar uma esperança de além-túmulo. É precisamente por causa desta sua capacidade de entreter os desgraçados, que a esperança era considerada entre os gregos como o mal entre os males, o mais astucioso entre todos: deixavam-na no fundo da caixa de Pandora”. NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin claret, 2000.

Ao unir as premissas evocadas da conjuntura, a *aufklärung*, crítica a ontologização do real com seu pressuposto da *ratio autônoma* e o risco de reducionismos, Adorno problematiza a filosofia dizendo “e, na verdade, depois do fracasso dos esforços em prol de uma filosofia grande e total, se apresenta uma forma mais singela: se a filosofia é absolutamente atual”⁸.

Atualidade tem sentido de possibilidade. Portanto, o fim da metafísica, a utopia do idealismo, a dissolução da filosofia nas ciências particulares, o delírio dos neoprojetos ontológicos não são o fim da filosofia, apesar de colocá-la em crise. Crise que tem dupla polaridade, positiva e negativa. Negativa por ser um perigo vital a filosofia. Conforme Adorno, é na negatividade que se revela uma faísca de positividade, então não poderia ser diferente nesse caso. Ou seja, diante do fim saltam faíscas de consciência da situação da filosofia, que se revelam em esperança.

Portanto, não só era necessário e urgente um novo pressuposto epistemológico, como também um novo modo de fazer filosofia, radicalmente diferente do moderno. Doravante,

a filosofia deva proceder interpretando cada vez mais com a pretensão de verdade, sem possuir nunca chave segura de interpretação; que nas figuras-enigma do existente e em seus admiráveis entrelaçamentos não lhe sejam dados mais que fugazes indícios, que se esfumaçam⁹.

Para Adorno, interpretar não coincide, de nenhum modo, em encontrar e/ou construir sentido e significado no-que-está-aí. Não há uma chave segura para tal, ou seja, a falta de chave é a de sentido predeterminado e proposto. Cabe a filosofia, deixar o-que-está-aí falar por si. Se isso é verdade, então, estabelecer e/ou procurar sentido no-que-está-aí é cometer violência de identificação. Os elementos do existente que compõe as figuras-enigmáticas devem ser agrupados até que falem.

Se os elementos devem ser agrupados, têm-se como pressuposto a sua disjunção. A manifestação do existente é fragmentaria e incompleta. Por isso, não se pode ignorar e negligenciar o mínimo detalhe na trama da história. Pois é justamente o periférico que se torna mediato (o que não é periférico é facilmente acessível por isso imediato) e completa a grande teia de fios que a história entrelaçou. Portanto, o dado que a filosofia precisa decifrar e interpretar é o-que-está-aí jogado no mundo. E

⁸ ADORNO, 2013, s/p.

⁹ ADORNO, 2013, s/p.

faz isso iluminando repentinamente e por um instante o-que-está-aí, sem possuir chave segura para tal e sem procurar um sentido predeterminado. Ao passo que se ilumina o existente e ele se manifesta, aquilo que se manifesta esvanece, de sorte, que esse exercício deve ser de contínua permanência. Nisto consiste a tarefa da filosofia, radicalmente diferente da pretensão idealista que repousa sobre a tese de que a razão poderia desenvolver a partir de si não só a categoria realidade como a própria realidade.

É preciso estabelecer uma distinção entre *deutung* e a busca de sentido. Interpretar o-que-está-aí, como acima foi frisado, não significa para Adorno busca ou construção de sentido que se vela por de trás de algo, pois isso significaria um recuo aos projetos ontologizantes. “A ideia de interpretação não exige a aceitação de um outro, de um ‘atrás-do-mundo’, que pode se tornar acessível pela análise do que aparece”¹⁰. Portanto, o dado, ou achado da filosofia não é completo, e sem contradições, muito pelo contrário, no dizer de Adorno:

O texto que a filosofia tem de ler é incompleto, contraditório e fragmentário e grande parte dele pode estar entregue a cegos demônios. Talvez a leitura seja precisamente nossa tarefa, para que lendo aprendamos a conhecer melhor e a banir os poderes demoníacos¹¹.

Outra distinção fundamental que Adorno estabelece é entre *deutung* e ciência. Diz “a ideia da ciência é investigação, a da filosofia interpretação”¹². Enquanto a ciência ancora em dados seguros e irrefutáveis, os achados filosóficos são sem previsibilidade e sempre refutáveis.

O desenvolvimento da *ratio autônoma* repousa sobre o método. Grosso modo, para os modernos o método é essencial uma vez que conduz a dados claros e distintos. Adorno, neste sentido, novamente surpreende ao perguntar pelo periférico, ao partir da realidade danificada para chegar a uma realidade justa, num movimento de pensar micrológico e constelativo (alude a uma perspectiva interdisciplinar), o resultado: imprevisível e sem achados irrefutáveis. Portanto, o método de Adorno, conforme o seu dizer é a *Mikrologie*, que apresenta dois níveis: a) isolar elementos e, b) fazê-los convergir. Os elementos que são isolados no

¹⁰ ADORNO, 2013, s/p.

¹¹ ADORNO, 2013, s/p.

¹² ADORNO, 2013, s/p.

primeiro nível são pequenos (não no sentido de medida de grandeza, mas no sentido de esquecido pela maioria, portanto mediatos), e sem intencionalidade.

Adorno está seguro que seu programa filosófico nunca se esgota bem como não é realizável em sua plenitude. Justamente, por nunca possuir uma chave segura para iluminar o-que-está-aí, sendo que é próprio da filosofia a elaboração de chaves. Acrescenta-se a isso a imprevisibilidade e a consciência de que os achados e/ou resultados do empreendimento filosófico são fugazes e esvanecem o que por seu turno garante a atualidade da filosofia.

Portanto, Adorno não é hermeneuta, tampouco, denomina sua filosofia como hermenêutica. Isso, porém, não significa que seu programa seja desprovido de elementos hermenêuticos, ou que não tenha contribuições significativas para esse campo. Certo é que sua filosofia é filosofia interpretativa.

NUANÇAS HERMENÊUTICAS A PARTIR DA REALIDADE UNIDIMENSIONAL

Na figura do existente podem ser vistos elementos simbólicos e linguísticos que a humanidade deixa ao longo da história. Esses elementos, conseqüentemente, são universalizados em uma linguagem específica e/ou jogo de linguagem que direciona a compreensão real ao “lebenswelt – um modo específico de ‘ver’ o mundo”¹³. Nessa disciplinaridade de ver a realidade se fecha o lócus interpretativo. A linguagem unidimensional tenciona e impede o olhar hermenêutico, isso porque o objetivo real dela é de promover e sustentar uma complexa segurança para o predomínio da racionalidade tecnológica sobre a realidade.

A conjuntura contemporânea é mediada pela sociedade industrial que tendenciosamente apresenta uma “linguagem funcionalizada, abreviada e unificada”¹⁴. Esta para Marcuse é a “linguagem do pensamento unidimensional”¹⁵, que dificulta a possibilidade real da experiência e da (re) interpretação se manifestarem. Diz-se (re) interpretar porque se acredita que aquilo que é expresso nas palavras transcende a interpretação já constituída por um discurso. No entender de Marcuse, “os termos “transcender” e “transcendência” [...], “ultrapassam” o

¹³ MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 158.

¹⁴ MARCUSE, 1982, p. 101.

¹⁵ MARCUSE, 1982, p. 101.

universo estabelecido do discurso e da ação no que concerne às suas alternativas históricas (possibilidades reais)¹⁶.

A realidade complexa e obscura se passada pelo crivo da hermenêutica poderá fazer germinar possibilidades interpretativas que transcendem a palavra unidimensional, isso por perceber nestas um contexto mediador na qual foram escritas. Pode-se afirmar com Geffré “[...] ‘O que me interessa é a interpretação’ enquanto dá à palavra uma vida que ultrapassa o instante e o lugar nos quais ela foi pronunciada ou transcrita”¹⁷.

O *lebenswelt* fecha as possibilidades do (re) interpretar. Quando se fala em hermenêutica, não se prediz uma possível ‘interpretação’, a partir de uma viagem intelectual infundada e própria, mas uma (re) interpretação a partir de dados históricos deixados pela linguagem cultural, simbólica e escrita. “O termo ‘interpretação’ reúne todas as nuances adequadas”¹⁸. Ou seja, permite que diante da escuridão petrificada pela palavra, a qual sofre influencia de um pensamento unidimensional, que pequenos tons coloridos se apresentem como possibilidades de (re) interpretar.

Os iluministas repousavam sobre a premissa de que a razão era um instrumento lógico que permitia compreender e organizar metodicamente os fatos. Neste contexto, defende-se que o conhecimento se dá por um método rigoroso. Hodiernamente, no paradigma hermenêutico se acredita que o modelo anterior não permite as nuances se manifestar, uma vez que o método sufoca-as. O método contrapõe a ideia da hermenêutica e também da fenomenologia. Para Palmer, “O método é uma tentativa de avaliação de controle por parte do interprete; é o oposto de nos deixarmos guiar pelo fenômeno. A ‘abertura’ da experiência – que altera o próprio intérprete em favor do texto – é a antítese do método.”¹⁹

A ideia de ciência conjugada por uma razão instrumental na modernidade passou a influenciar e apresentar a realidade de um modo específico. O sujeito vira um partícipe deste contexto como mero repetidor de dados já apresentados. Ou seja, o método foi impedindo a presença do interprete participar na compreensão

¹⁶ MARCUSE, 1982, p. 15.

¹⁷ GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia: hermenêutica teológica*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 5.

¹⁸ STEINER *apud* GEFFRÉ, 1989, p. 5.

¹⁹ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 248.

interpretativa da realidade. A vertente do pensamento mediada pelo método se torna petrificador de um pensamento unidimensional. “Assim o método é de fato uma forma de dogmatismo, separando o intérprete da obra, colocando-se entre esta e ele, e impedindo-o de experimentar a obra em toda a sua plenitude. A visão analítica é cega à experiência; é uma cegueira analítica”²⁰. A visão analítica se desenvolve amplamente no berço do paradigma moderno, pois este promove a ênfase do sujeito que por meio das faculdades inteligíveis mediado pelo método (razão instrumental) destrincha o objeto produzindo gnose.

A presença de um pensamento único, emudecedor, obscureceu as possibilidades hermenêuticas. Vários autores apresentam a necessidade de retorno a uma interpretação da figura do real. “O retorno à interpretação filosófica da realidade é realmente defendido [...], para preservar os conteúdos dos conceitos que foram neutralizados pelo poder unidimensional, e possibilitar a visão do todo, que nessa sociedade é um amálgama de opostos”²¹. Assim sendo, o paradigma hermenêutico possibilita um conhecimento autônomo, mostrando que na linguagem vários conceitos são neutralizados por uma visão analítica da realidade.

A (re) interpretação “não pode, no entanto, desvincular-se das tendências e dos aspectos históricos que interferem no objeto de análise”²². Ou seja, o mundo da vida, em que a obra foi escrita também tem algo a dizer. Não se limita a interpretação a óptica da realidade atual, mas há uma fusão de horizontes. As vivências do autor estão presentes no texto, porém as do interprete também são determinantes. O texto nasce de uma vida, mas que ultrapasse esse instante e passa a gerar vida.

Elementos teóricos produzidos ao longo da história são passíveis de (re) interpretação. O “[...] ler uma obra não é adquirir conhecimento conceptual por meio da observação ou da reflexão; é uma ‘experiência’, uma ruptura e um alargamento do nosso antigo modo de ver as coisas”²³. Destarte, a construção epistemológica requer um alargamento dos modos unidimensionais de ver o-que-está-aí.

²⁰ PALMER, 1989, p. 248.

²¹ CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 64.

²² CAMPOS, 2004, p. 64.

²³ PALMER, 1989, p. 250.

A linguagem unidimensional apresenta certa “difamação de modos alternativos de pensar²⁴”. Nesse sentido, os indivíduos ainda influenciados pelo iluminismo se prendem em reproduzir aquilo que já é dado e estabelecido. A interpretação possibilita autonomia, porém esta diante da realidade industrial se tornou mera utopia.

A construção epistemológica de diferentes modos de ver a o-que-está-aí é marcada pela interpretação interdisciplinar e a partir da própria experiência. “Não foi o intérprete que manipulou a obra, pois esta mantém-se fixa; foi antes a obra que o marcou, mudando-o de tal modo que ele nunca mais pode recuperar a inocência que perdeu com a experiência²⁵”. Percebe-se, que a leitura que os indivíduos têm da realidade é superficialmente dada pelos meios de comunicações de massa, desse modo a linguagem unidimensional usada nas propagandas é que induz os indivíduos a ver e aceitar as coisas como elas são.

É a conhecida técnica da indústria da propaganda, na qual é metodicamente usada para “estabelecer uma imagem” que adere à mente e ao produto e ajuda a vender os homens e as mercadorias. A palavra e a escrita são agrupadas em torno de “linhas de impacto” e de “incitadores de audiências” que transmitem a imagem. Essa imagem pode ser “liberdade” ou “paz” ou “bom sujeito” ou “consumista”²⁶.

A racionalidade tecnológica concebe definições em termos de operações e comportamentos, fazendo com que a verdade se identifique como uma verdade estabelecida, que a aparência e essência das coisas sejam identificadas com suas funções, não somente com as coisas, mas também que os indivíduos sejam identificados com suas funções. Segundo Marcuse isso “leva os indivíduos a parecer meros apêndices ou propriedades de seu lugar, seu emprego, seu empregador ou empresa”²⁷. Percebe-se assim, o quanto a racionalidade instrumental é ágil atingindo o meio linguístico individual e social.

Para Marcuse, “essa linguagem, que constantemente impinge imagens, milita contra o desenvolvimento e a expressão de conceitos. Em sua imediação e objetividade, impede o pensamento conceptual; impede, assim, de pensar”²⁸. A hermenêutica possibilita “a interrogação da sociedade por todos os ângulos

²⁴ MARCUSE, 1982, p. 166.

²⁵ PALMER, 1989, p. 250.

²⁶ MARCUSE, 1978, p. 98.

²⁷ MARCUSE, 1982, p. 99.

²⁸ MARCUSE, 1982, p. 101.

possíveis simultaneamente”²⁹. Nesse sentido realizar a hermenêutica dos conceitos construídos ao longo da história contribuí na interpretação das nuances da realidade.

Contudo, este debate leva a indagações, angústias e até mesmo a desesperança. Destarte, é mister estar em contínuo movimento reflexivo e questionador: Por quê o pensamento unidimensional predomina deixando uma complexa dificuldade do pensamento hermenêutico se manifestar? E se continuar prevalecendo o pensamento unidimensional, excludente, emudecedor, não se está direcionando a barbárie, a Auschwitz? Como se poderiam construir nuances hermenêuticas diante deste obscurecimento do pensar autêntico que visa a melhoria do mundo? Há possibilidades e alternativas de esperança nesta sociedade que se apresenta de modo unidimensional? Essa é uma problemática relevante e urgente que merece ser desenvolvida em outra inflexão de pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A marca indelével da filosofia adorniana é a *deutung*, interpretação. Fruto da exigência de um autêntico pensar num tempo singular em que o pensar filosófico se encontra sob constantes ameaças. Destarte, a filosofia adorniana aos poucos evidencia um novo pressuposto epistemológico, em resposta a *ratio autônoma*, a tradição e a riscos de reducionismos, qual seja, *deutung*. Consciente de que “o espírito não é capaz de produzir ou de compreender a totalidade do real; mas ele é capaz de irromper-se no pequeno, de fazer saltar no pequeno as medidas do meramente existente”³⁰.

Adorno tem consciência de que a filosofia como *deutung* não se vê livre de trabalhar com categorias transcendentais, isto é, idealistas. Isso, porém não é uma contradição interna de seu pensamento, uma vez que os conceitos são, invariavelmente, condição para filosofia. O problema consiste ao esquecimento de que o conceito é transcendental, ou ainda, pensar que através dele se capture a realidade em sua essência e/ou totalidade, ou ainda, querer desenvolver a realidade por meio do conceito. Filosofia como *deutung* não se limita a decifrar o-que-está-aí, mas é a gênese, e o braço direito da axiologia, ou seja, da filosofia hermenêutica à

²⁹ WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. 3ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010, p. 21.

³⁰ ADORNO, 2013, s/p.

axiologia hermenêutica. “Na verdade a realidade não é superada no conceito; porém a partir da construção da figura do real se segue sempre e prontamente a exigência de sua transformação real”³¹. Além do indicativo axiológico, Adorno deixa expressa uma antiga esperança dos frankfurtianos que remonta a *décima primeira tese de Marx sobre Feuerbach*, a saber, a transformação do mundo.

Portanto, interpretação da realidade danificada e injusta em vista de uma práxis transformadora são dois movimentos hermenêuticos e duas tarefas filosóficas que Adorno revela como interdependentes e retroalimentadores que constituem o motor e a atualidade da filosofia. Numa perspectiva singular de filosofar, qual seja, é na desesperança (realidade danificada e injusta) que se revela uma faísca de esperança (realidade correta e justa).

A realidade a partir da modernidade é apresentada cada vez mais por uma linguagem unidimensional. O paradigma *aufklärung* resultou numa racionalidade hegemônica industrial. E nesse sentido a utopia de um pensamento esclarecedor emudeceu as vozes dos desesperançados da história. A linguagem unidimensional provocou a “difamação de modos alternativos de pensar”³², e conseqüentemente as possibilidades de esperança foram neutralizadas pela utopia de um modo vivencial unidimensional.

Marcuse acredita na transformação da realidade. Para ele, o paradigma da realidade objetiva e unidimensional se passado pela perspectiva filosófico-hermenêutica perderá sua hegemonia. “O retorno à interpretação filosófica da realidade é realmente defendido [...] para preservar os conteúdos dos conceitos que foram neutralizados pelo poder unidimensional, e possibilitar a visão do todo, que nessa sociedade é um amálgama de opostos”³³. No entanto, “a especulação filosófica não pode, [...], desvincular-se das tendências e dos aspectos históricos que interferem no objeto de análise”³⁴. Assim sendo, o paradigma hermenêutico possibilita um conhecimento autônomo, o qual poderá manter as possibilidades de esperança já que simultaneamente inseridos na lógica unidimensional percorre-se um caminho de repetição da Auschwitz.

Contudo, um exercício interpretativo da realidade pode ser um caminho de possibilidades de esperança diante das desesperanças ou então, como diria

³¹ ADORNO, 2013, s/p.

³² MARCUSE, 1982, p. 166.

³³ CAMPOS, 2004, p. 64.

³⁴ CAMPOS, 2004, p. 64.

Marcuse citando Benjamim no final de sua obra “*A ideologia da sociedade industrial*”, “somente em nome dos desesperançados nos é dada a esperança³⁵”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *A atualidade da filosofia*. Disponível em:

<http://adorno.planetaclix.pt/tadorno3.htm>>. Acesso em: 15 de Fev. de 2013.

CAMPOS, Maria Teresa Cardoso de. *Marcuse: realidade e utopia*. São Paulo: Annablume, 2004.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia: hermenêutica teológica*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Trad. Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 82. (Coleção textos filosóficos)

_____. Friedrich. *O anticristo*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin claret, 2000.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial*. Trad. Giasone Rebuá. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MUELLER, Enio R. *Filosofia à sombra de Auschwitz: um dueto com Adorno*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1989.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. 3ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

³⁵ MARCUSE, 1982, p. 235.